

**"Seja legal": aspectos da tradução da obra
"You have a brain" de Ben Carson**

Renato Costa Carvalho Filho¹

Luiz Henrique Andrade Prazeres Da Silva²

Náthaly Marques Nazareth³

Resumo

Este artigo analisa os aspectos linguísticos, pedagógicos e éticos envolvidos na tradução do capítulo "Nice" da obra *You Have a Brain*, de Ben Carson, realizada por alunos do Ensino Médio vinculados ao projeto High School da Griggs International Academy, no contexto da Educação Adventista. A proposta tradutória não apenas envolveu a transposição linguística do inglês para o português, mas também promoveu uma reflexão intercultural, ética e formativa. A prática da tradução foi concebida como uma estratégia didática ativa, capaz de desenvolver competências linguísticas, pensamento crítico, empatia e consciência social. O capítulo escolhido — inédito em português — apresentou desafios semânticos e culturais que exigiram sensibilidade dos estudantes, especialmente na tradução do termo “nice”, cuja equivalência foi proposta como “ser legal”. A atividade revelou-se, assim, uma oportunidade de aprendizagem integral, onde linguagem, valores e ação se entrelaçaram na formação dos alunos como leitores-intérpretes e cidadãos conscientes.

Palavras-chave: tradução educativa; ética na tradução; interculturalidade; Ben Carson; ensino médio.

Abstract

This article analyzes the linguistic, pedagogical, and ethical aspects involved in translating the chapter “Nice” from *You Have a Brain* by Ben Carson, carried out by high school students enrolled in the High School program of Griggs International Academy, within the context of Adventist Education. More than a mere linguistic exercise, the project encouraged intercultural awareness, ethical reflection, and personal development. Translation was approached as an active learning strategy, fostering language proficiency, critical thinking, empathy, and social consciousness skills. The selected chapter — unpublished in Portuguese — presented semantic and cultural challenges that required students’ sensitivity, particularly in translating the term “nice,” which was rendered as *ser legal* in Portuguese, based on contextual and cultural relevance. The activity thus emerged as a comprehensive learning experience, intertwining language, values, and action in the students’ journey as interpreter-readers and socially engaged individuals.

Keywords: educational translation; translation ethics; interculturality; Ben Carson; high school education.

1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Este artigo apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do Ensino Médio vinculados ao projeto High School da Griggs International Academy, no contexto da Educação Adventista. O programa oferece formação complementar voltada à obtenção do diploma norte-americano, proporcionando aos alunos vivências acadêmicas bilíngues e interculturais. A proposta consistiu na tradução de um trecho selecionado do livro *You Have a Brain: A Teen's Guide to T.H.I.N.K. B.I.G.*, de Ben Carson, autor cuja trajetória de vida inspira reflexões sobre esforço, valores e propósito. Mais do que um exercício técnico de tradução, a atividade foi pensada como uma oportunidade de desenvolver competências como leitura crítica, reflexão ética e produção textual, em diálogo com temas significativos para a formação pessoal dos alunos.

O relato foi elaborado pelo professor responsável pela condução da atividade, com o intuito de registrar, refletir e compartilhar os aspectos pedagógicos e formativos da experiência. A tradução do capítulo selecionado ficou a cargo de dois alunos, que se dedicaram à compreensão do conteúdo, à escolha lexical adequada e à preservação do sentido intencional do autor. Ao longo do processo, buscou-se articular teoria e prática, promovendo o protagonismo estudantil e o engajamento com temas de relevância pessoal e social.

2. A IMPORTÂNCIA DA TRADUÇÃO

2.1. A tradução como ferramenta de acesso ao conhecimento global

A tradução, além de ser uma ferramenta linguística, desempenha um papel fundamental no processo educativo, favorecendo o desenvolvimento de competências cognitivas, linguísticas e culturais. Segundo Hurtado Albir (1999), a atividade tradutória estimula o pensamento crítico, a reflexão metalinguística e o desenvolvimento de

estratégias de resolução de problemas, o que a torna uma prática didática de alto valor na formação de alunos.

No contexto da Educação Adventista, a tradução assume uma função que vai além do aspecto técnico, pois contribui para a formação integral do aluno — intelectual, social, moral e espiritual —, conforme orienta o modelo educacional adventista (WHITE, 2000).

Além disso, a prática da tradução em ambientes escolares permite a ampliação do repertório cultural e linguístico dos estudantes, promovendo uma educação multicultural e inclusiva, como defendem Pym (2010) e Nord (1997).

Quando aplicada ao ambiente escolar, a prática da tradução pode ser entendida como um convite à abertura para o outro, à empatia cultural e à ampliação do repertório intelectual dos estudantes. No projeto desenvolvido com os alunos do Ensino Médio, a tradução do capítulo “Nice” da obra *You Have a Brain*, de Ben Carson, representou uma oportunidade de trabalhar essas competências em sala de aula. Traduzir um texto originalmente escrito para o público norte-americano exigiu que os estudantes se posicionassem como leitores-intérpretes, refletindo sobre como tornar compreensível, acessível e relevante uma mensagem escrita em outra língua e para outra cultura. Nesse processo, a tradução acabou se revelando uma estratégia pedagógica muito eficaz para desenvolver habilidades linguísticas, críticas e interculturais.

Nesse processo, a tradução acabou se revelando uma estratégia pedagógica muito eficaz para desenvolver habilidades linguísticas, críticas e interculturais.

Ainda nesse sentido, vale destacar que a tradução, quando realizada em ambiente escolar, também contribui para a formação de leitores mais atentos e ativos, capazes de perceber entrelinhas, subentendidos e marcas culturais nos textos. A leitura aprofundada que precede a tradução leva os alunos a analisarem o estilo do autor, a função de cada parágrafo e as intenções comunicativas que, muitas vezes, estão implícitas. Tais habilidades são transferíveis para outras áreas do conhecimento e para a vida cotidiana, configurando a tradução como um exercício formador de pensamento crítico e leitura reflexiva. Em um mundo cada vez mais conectado e multilíngue, essa competência de ler e compreender para além das palavras adquire relevância crescente.

2.2. O papel da tradução na formação ética e humanística

Sob uma perspectiva humanística, a tradução atua como ponte entre culturas, promovendo a empatia, a compreensão e a valorização da diversidade. Segundo Venuti (1995), o tradutor tem um papel político e social, contribuindo para a visibilidade de culturas muitas vezes marginalizadas.

A tradução de obras que abordam questões éticas, sociais ou espirituais ultrapassa o domínio linguístico e alcança o campo da formação humana. Traduzir um capítulo como “Nice”, que trata diretamente da importância de ser gentil com os outros, exige mais do que domínio da língua inglesa: exige sensibilidade para captar os valores subjacentes ao texto original e capacidade de recontextualizá-los para o público-alvo. Neste sentido, o processo de tradução torna-se também um exercício de empatia e de responsabilidade ética por parte dos alunos-tradutores, pois envolve decisões sobre como preservar ou adaptar nuances morais, culturais e afetivas do texto de partida.

A formação ética dos estudantes foi favorecida justamente por esse processo de mediação. Ao refletirem sobre como traduzir expressões ligadas ao altruísmo, à generosidade ou à cortesia, os alunos foram levados a discutir o significado desses conceitos em suas próprias vidas e em seu contexto social. A pergunta a pergunta deixava de ser só ‘como traduzir isso?’ e passava a ser também ‘como a gente vive isso no nosso dia a dia?’. A tradução, nesse caso, atua como catalisadora de debates sobre valores humanos universais e, ao mesmo tempo, promove a valorização de práticas locais de solidariedade e convivência pacífica. Trata-se, portanto, de uma experiência de tradução que se desdobra em experiência formativa integral.

Trata-se, portanto, de uma experiência de tradução que se desdobra em experiência formativa integral.

É possível afirmar, inclusive, que a atividade tradutória pode funcionar como um espelho ético. Ao lidar com conteúdos moralmente sensíveis, como os que compõem o capítulo “Nice”, os alunos se veem convidados a avaliar suas próprias atitudes, além de refletirem sobre os valores que desejam promover em sua comunidade. Isso promove uma espécie de metacognição ética, na qual os estudantes não apenas compreendem o valor da gentileza, mas passam a considerá-la uma prática desejável e replicável. Em tempos de discursos polarizados e da crescente banalização da violência simbólica e verbal, atividades como essa contribuem para formar sujeitos mais conscientes, empáticos e comprometidos com o bem comum.

2.3. A tradução como prática educativa em si mesma

Do ponto de vista pedagógico, a tradução pode ser concebida como uma prática ativa de aprendizagem, pois exige que o aluno mobilize diferentes competências cognitivas e meta-reflexivas. Ao traduzir um texto, o estudante precisa compreender profundamente o conteúdo original, interpretar as intenções do autor, buscar equivalentes em sua própria língua e tomar decisões quanto ao estilo, ao vocabulário e ao grau de adaptação necessário. Esse processo implica análise crítica, pesquisa lexical e gramatical, avaliação de contextos e revisão colaborativa. No projeto em questão, tais habilidades foram desenvolvidas ao longo de oficinas e encontros regulares, em que os alunos traduziam coletivamente os parágrafos e justificavam suas escolhas linguísticas e discursivas.

Além disso, a tradução promove uma mudança na postura do aluno frente ao texto: ele deixa de ser um receptor passivo e assume o papel de produtor de sentidos. Esse reposicionamento contribui para o desenvolvimento da autonomia intelectual e da autoconfiança, uma vez que o estudante percebe que é capaz de interagir com textos complexos em outro idioma e de produzir um novo texto que será lido por terceiros. No caso da obra de Ben Carson, os alunos sentiram-se corresponsáveis pela mensagem que estavam ajudando a transmitir, o que reforçou o envolvimento com o projeto e a motivação para realizar um trabalho cuidadoso e significativo. A tradução, portanto, se consolida como uma prática educativa completa, que integra linguagem, cultura, valores e ação.

A tradução, portanto, se consolida como uma prática educativa completa, que integra linguagem, cultura, valores e ação.

Além disso, a tradução em contexto educacional pode ser um importante recurso de avaliação formativa. Ao observar as decisões tomadas pelos alunos ao longo do processo, o professor consegue identificar não apenas lacunas linguísticas, mas também aspectos do raciocínio lógico, da coerência argumentativa e da sensibilidade cultural dos estudantes. Essa prática revela o grau de internalização dos conteúdos aprendidos e oferece oportunidades de intervenção pedagógica pontual e personalizada. No projeto relatado, os momentos de revisão coletiva permitiram que os próprios alunos se corrigissem e aprendessem uns com os outros, em um ambiente colaborativo e de constante aprimoramento.

3. CONTEXTO DA OBRA

O livro *You Have a Brain: A Teen's Guide to T.H.I.N.K. B.I.G.*, de Ben Carson, é uma obra escrita com o objetivo de orientar adolescentes na construção de um projeto de vida pautado em princípios éticos, curiosidade intelectual e superação pessoal. Publicado em 2015, o livro entrelaça conselhos práticos e reflexões com a própria trajetória de Carson, apresentando aos jovens uma narrativa de esperança, esforço e transformação social. Com linguagem acessível e tom motivacional, a obra propõe uma abordagem formativa, valorizando o protagonismo juvenil e incentivando o autoconhecimento como chave para escolhas conscientes. Para a realização do trabalho de tradução, utilizou-se como referência a edição em eBook disponibilizada em 3 de fevereiro de 2015 (ISBN: 9780310745488), o que possibilitou acesso prático ao texto original e alinhamento com os recursos tecnológicos disponíveis no ambiente escolar.

O título do livro evoca o acróstico T.H.I.N.K. B.I.G., cujas letras representam valores e atitudes que, segundo o autor, podem ajudar adolescentes a desenvolverem seus potenciais. Carson parte da premissa de que todo jovem tem capacidade para pensar com profundidade, tomar boas decisões e influenciar positivamente seu entorno. Assim, ao compartilhar episódios de sua infância marcada por pobreza, dificuldades escolares e instabilidade familiar, ele constrói um discurso que legitima o esforço pessoal como meio de transformação.

A figura do autor tem relevância particular no contexto da obra. Dr. Ben Carson é um neurocirurgião de destaque internacional, reconhecido por sua atuação pioneira em procedimentos cirúrgicos de alta complexidade, especialmente em crianças. Filho de mãe solteira e criado em condições de vulnerabilidade nos Estados Unidos, Carson superou adversidades que, em muitos contextos, funcionariam como barreiras intransponíveis. Sua história, narrada também em outras obras autobiográficas, como *Gifted Hands*, revela como o incentivo à leitura, a disciplina e a fé moldaram seu caráter e suas escolhas profissionais. Nesse sentido, *You Have a Brain* funciona como um desdobramento natural de sua biografia: é ao mesmo tempo testemunho e conselho, experiência e proposta educativa.

Além de sua carreira médica, Carson também ganhou notoriedade por sua atuação política. Em 2015, lançou sua candidatura à presidência dos Estados Unidos e, posteriormente, foi nomeado Secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano durante o governo Donald Trump (2017–2021). Embora sua atuação política tenha dividido opiniões, sua contribuição no campo educacional e sua habilidade de comunicação continuam sendo pontos de consenso entre educadores, pais e líderes comunitários. Na obra analisada, sua fé é apresentada de forma pragmática, como uma dimensão de apoio e confiança no futuro, sem imposição religiosa. Ao mencionar Deus como um amigo que deseja o bem dos indivíduos, Carson dialoga com jovens de diferentes crenças e os convida a refletirem sobre propósito, identidade e serviço ao próximo.

Dessa forma, o contexto da obra está intimamente ligado à vida de seu autor e aos valores que ele representa. A tradução de um capítulo dessa obra, em ambiente educacional, permite aos alunos não apenas o exercício técnico da tradução, mas também o contato com temas como responsabilidade pessoal, educação do caráter e construção de sentido na juventude. É nesse ponto que o projeto pedagógico da tradução ganha força: trata-se de trazer para o português não apenas um texto motivacional, mas a experiência de um homem que superou limites e deseja inspirar outros a fazerem o mesmo.

4. JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO CAPÍTULO

4.1 O desafio de traduzir o conceito de “nice” em sua amplitude cultural e afetiva

A escolha do capítulo intitulado Nice (tradução proposta pelo artigo: “Seja legal”) justifica-se, em primeiro lugar, pela complexidade semântica e pragmática do termo que o nomeia. A palavra “nice”, no contexto da obra de Ben Carson, apresenta múltiplas camadas de significado e carrega nuances culturais, afetivas e sociais que não encontram equivalência direta em português. A decisão dos alunos de traduzir “nice” como “ser legal” revelou-se, portanto, um ponto central de reflexão, pois essa expressão do vernáculo brasileiro contemporâneo consegue abarcar, de maneira acessível e afetiva, ideias como cordialidade, empatia, gentileza, respeito e comportamento altruísta.

Essa escolha tradutória exigiu dos alunos não apenas conhecimento lexical, mas também sensibilidade intercultural e ética, uma vez que o termo “nice”, no inglês norte-americano, pode ter significados contextualmente variáveis, inclusive conotações sociais sutis e afetos implícitos. O processo de tradução foi, assim, uma oportunidade pedagógica para analisar como palavras que aparentam simplicidade podem carregar sentidos densos, exigindo soluções criativas e bem fundamentadas. Traduzir “nice” como “ser legal” exigiu escuta atenta à linguagem juvenil brasileira e ao tom original da obra, que visa inspirar e acolher o leitor jovem.

4.2 Um texto inédito no vernáculo dos alunos: relevância e contribuição

Outro aspecto decisivo para a escolha do capítulo “Nice” foi o fato de este ainda não possuir tradução publicada em língua portuguesa. O texto, portanto, era inédito no vernáculo dos alunos. Essa condição aumentou significativamente o valor do projeto pedagógico, pois os estudantes não estavam apenas exercitando técnicas de tradução, mas também contribuindo com um conteúdo original e relevante para o contexto educacional brasileiro. Ao traduzirem um texto inédito, os alunos se sentiram corresponsáveis pela mediação de uma mensagem ética, direcionada ao seu próprio grupo etário, e pela construção de pontes culturais entre línguas e realidades distintas.

Esse ineditismo ampliou o engajamento dos participantes e acrescentou um componente autoral ao trabalho, conferindo-lhe um sentido de responsabilidade social. A ausência de traduções oficiais também os impeliu a assumir o papel de leitores críticos e tradutores éticos, uma vez que não podiam recorrer a modelos pré-existentes. O resultado, portanto, representa uma tradução original, construída a partir de vivências, discussões e decisões coletivas, ancoradas na compreensão profunda do conteúdo.

4.3 Relevância temática para o público jovem brasileiro

O conteúdo do capítulo escolhido aborda valores universais, como empatia, respeito, gentileza e convivência harmoniosa, temas que dialogam de maneira direta com os desafios enfrentados pela juventude brasileira. Em um cenário social marcado por polarizações, individualismo crescente e desvalorização das relações humanas, traduzir e

disseminar uma mensagem de amabilidade e conexão ganha dimensão formativa e terapêutica. O capítulo “Nice” convida os leitores a assumirem atitudes conscientes e éticas no cotidiano, ressignificando a ideia de “ser legal” como um posicionamento ativo diante da vida em sociedade.

Nesse contexto, o trabalho tradutório se converteu em um exercício de leitura crítica e de formação moral. Os alunos precisaram considerar, além dos aspectos linguísticos, as implicações ideológicas e culturais do texto, garantindo que sua versão em português mantivesse a força transformadora da mensagem original. A escolha do capítulo, portanto, aliou pertinência linguística e relevância social, contribuindo para o desenvolvimento de competências tradutórias, éticas e cidadãs.

5. CRITÉRIOS DE TRADUÇÃO E RECORTE TEXTUAL

5.1 Critério adotado para a tradução

A ética na tradução não se limita à fidelidade textual, mas abrange o compromisso com a veracidade, o respeito cultural e a responsabilidade social. Para Chesterman (2001), o tradutor age como mediador intercultural, devendo pautar sua prática em princípios éticos que considerem tanto o autor quanto o leitor.

O processo tradutório desenvolvido com os alunos partiu de uma premissa pedagógica clara: não utilizar ferramentas de tradução automática. Essa decisão metodológica foi orientada pelo propósito de proporcionar aos discentes uma experiência mais autêntica e desafiadora com o idioma inglês, ao mesmo tempo em que se promovia maior fidedignidade ao conteúdo original da obra. Ao renunciar a recursos de tradumática, os alunos foram levados a refletir criticamente sobre cada construção textual, envolvendo conhecimentos de língua, cultura e até ética ao longo de toda a atividade.

Outro critério estabelecido desde o início foi o de praticar, sempre que possível, uma tradução fac-símile, respeitando a estrutura e o estilo do autor, sem comprometer a fluidez do texto em língua portuguesa. Embora tal abordagem demande um esforço adicional, ela favorece a aproximação ao sentido original do discurso de Ben Carson, permitindo que o tom motivacional e acessível da obra fosse preservado também na versão em vernáculo.

Cabe destacar que não foi traduzido o capítulo 17 em sua totalidade. Dos quatorze segmentos que o compõem, foram selecionadas e traduzidas seis páginas, as seis primeiras do capítulo, suficientes para a exploração dos aspectos linguísticos e temáticos mais relevantes do capítulo. A escolha do recorte textual foi pautada por critérios de viabilidade pedagógica e representatividade semântica, de forma que o trecho selecionado fosse autossuficiente em termos de conteúdo e coesão.

Por fim, cumpre esclarecer que a presente tradução não possui fins comerciais, sendo resultado de uma atividade educativa orientada para o desenvolvimento linguístico, tradutório e ético dos estudantes participantes.

5.2 Tradução justalinear

A seguir, apresenta-se a tradução justalinear de um trecho selecionado do capítulo 17, intitulado Nice, da obra *You Have a Brain: A Teen's Guide to T.H.I.N.K. B.I.G.*, de Ben Carson. A proposta de justalinear, ainda que não represente uma equivalência perfeita entre os idiomas, visa expor de maneira paralela o texto original e sua tradução ao português, permitindo observar com mais clareza as estratégias e escolhas realizadas pelos alunos. O trecho foi escolhido por conter passagens centrais à argumentação do autor, revelando tanto a estrutura argumentativa quanto os valores éticos mobilizados por Carson ao longo do capítulo.

Página 180

CHAPTER 17 *Nice*

When I was twelve years old, a group of kids started what we called the Helping Hands Club in our neighborhood. We'd walk around looking for someone who needed help. If we saw someone digging weeds, we'd say, "We'd like to help you." Then we'd pitch in and dig alongside them. The adults really appreciated that.

We didn't charge for our work, but we usually got paid. Sometimes a quarter or fifty cents, or even as much as a dollar. Or, sometimes, weeks later we'd see someone we'd helped; that person would recognize us and offer candy or ice cream. They became friendly to the members of our club because they liked us.

That's how I and other kids in our neighborhood learned that if we were nice, we would be rewarded. Even with a dollar being worth a lot more in those days, the greatest reward was

Quando eu tinha doze anos, na nossa vizinhança, um grupo de crianças começaram o que chamávamos de Clube das Mãos Ajudadoras. Nós andávamos pela região procurando por quem precisasse de ajuda. Se a gente visse alguém capinando, íamos dizer "a gente gostaria de te ajudar". Então íamos ajudar essa pessoa. Os adultos admiravam muito isso.

Não costumávamos cobrar pelo nosso trabalho, mas ainda assim geralmente éramos pagos. Às vezes com vinte e cinco ou cinquenta centavos, ou até mesmo com um dólar. Ou, de vez em quando, algumas semanas depois, a gente via alguém que ajudamos anteriormente e se essa pessoa nos reconhecesse, ela nos retribuía com doces ou sorvete. Essas pessoas se tornaram mais próximas dos membros do nosso clube porque gostaram da gente.

Foi assim que eu e as outras crianças do bairro aprendemos que se fossemos legais, seríamos recompensados. Mesmo com o dólar valendo mais naquele tempo, a maior recompensa nunca foi monetária; sempre foram os bons relacionamentos que a gente desenvolveu com nossos vizinhos e a satisfação pessoal de fazer algo positivo, altruísta e legal para alguém.

Página 181

Página 181

considerate, caring, pleasant, polite, agreeable, congenial, helpful — all of which add up to something close to, but not quite equal to, the idea I hope to convey when I say “nice.” Being nice means the following.

- Don’t talk about people behind their backs.
- Don’t put people down in front of their backs.
- If you see somebody struggling with something, help him or her with it.
- Put yourself in the other person’s place before you criticize.
- If the elevator door is open and only one space is left, let someone else get on.
- When driving, if someone puts a blinker on, slow down and let him or her in.
- Speak to people. Say “Good morning” or “Hello” to those you meet in the school hallway.
- Greet people by name whenever you can.

When I put niceness in those terms, most people understand exactly what I am talking about.

I remember speaking at a conference in the San Francisco Bay area years ago. I told my listeners, “If you’re not a nice person, I challenge you to try it for one week . . . It’s ten minutes before ten on Friday morning. Until 9:50 next Friday morning, be nice to everybody — smile and greet the people you encounter . . . Once they get over their initial shock, most

amigável, cuidadoso(a), agradável, educado(a), cordial, harmonioso(a) ajudador(a) — e tudo aquilo que tem um sentido parecido, mas não exatamente igual a ideia que mais convém quando falo “legal”. Ser legal significa o seguinte:

- Não falar das pessoas pelas costas.
- Não diminuir as pessoas pelas costas.
- Se você vir alguém com dificuldades em alguma coisa, ajude.
- Se coloque no lugar do outro antes de criticar.
- Se a porta do elevador está aberta e só tem um espaço sobrando, deixe outra pessoa entrar.
- Quando estiver dirigindo, alguém piscar os faróis dando sinal, desacelere e deixe a outra pessoa passar.
- Fale com as pessoas. Fale “Bom dia” ou “olá” para aqueles que você vê no corredor da escola.
- Chame as pessoas pelo nome sempre que puder.

Quando coloco ser legal nesses termos, muitas pessoas entendem exatamente o que quero dizer.

Lembro-me de anos atrás estar palestrando em uma conferência na área da Baía de São Francisco. Falei para os meus ouvintes, “Se você não é uma pessoa legal, eu te desafio a ser durante uma semana... Faltam dez minutos para as 10 da manhã de uma sexta-feira. Até 9:50 da próxima manhã de sexta tente ser legal com todos — sorria e fale com as pessoas que encontrar ... Quando superarem o choque inicial, a maioria

Página 182

people will be happy to greet you in return. You'll find that being nice is often contagious."

About 5:30 that evening, I was walking through the hotel lobby when I heard a woman calling, "Oh, Dr. Carson! Dr. Carson!" I stopped and turned to find a fashionably dressed woman in her fifties zigzagging her way toward me.

She introduced herself and said, "I want to tell you how much I appreciated your talk this morning. You actually made me cry."

She told me she had taken my challenge to be nice to everyone she met. "I already feel like a new person." She not only felt good about herself, but she had also been amazed by people's reactions. Her day had become an adventure as she wondered, *Whom can I be nice to next?* As we parted company, she said, "I think you've changed my life."

Over the years, I have discovered several reasons for being nice:

First, you get more done by being nice — whether you are merely trying to communicate or you are actually trying to accomplish a major task. Two brief scenarios:

Not long ago, Candy and I made a trip to France. Before we left we brushed up on the language, which we hadn't spoken since our college French courses. Neither of us was fluent, but we thought it would be nice to make an effort to converse with our hosts in their native tongue. Though we did it to be polite, we quickly discovered the greater benefit.

Most of the French people we met spoke much better English than our French, so invariably, after listening to our feeble attempts to converse in their language, they gladly began to use ours. We were then able to have much more

das pessoas vão retribuir a gentileza na volta. Você verá que ser legal é contagioso."

Cerca de 5:30pm, eu estava andando na recepção do hotel quando ouvi uma mulher chamando "Oh, Dr. Carson! Dr. Carson!", parei e vi uma mulher na faixa dos cinquenta anos ziguezagueando em minha direção.

Ela se apresentou e falou "Eu quero te falar o quanto gostei do seu discurso essa manhã. Na verdade, o senhor me fez chorar."

Ela me falou que aceitou o desafio de ser legal com todos que tivesse contato. "Já sinto que sou outra pessoa". Ela não só se sentiu melhor consigo mesma, mas também ficou impressionada com as reações das pessoas. Seu dia se tornou uma aventura enquanto pensava "Com quem serei legal agora?" Enquanto compartilhávamos a companhia um do outro, ela falou, "Acho que você mudou minha vida."

Com o passar dos anos, tenho descoberto diversas razões para ser legal: Primeiro, você se satisfaz mais por ser legal — mesmo se você está apenas tentando se comunicar ou está tentando cumprir uma tarefa importante. Dois pequenos cenários:

Não muito tempo atrás, Candy e eu viajamos pra França. Antes de irmos, tentamos revisar o francês, tal qual não tínhamos falado desde nosso curso de francês da faculdade. Nenhum de nós era fluente, mas achamos que seria legal tentar conversar com nossos anfitriões em sua língua nativa. Embora fizemos isso por educação, rapidamente descobrimos o maior benefício.

Muitos franceses que conhecemos tinham um inglês melhor que nosso francês, muito invariavelmente, depois de ouvir nossas falhas tentativas de conversar com eles em sua respectiva língua nativa, com prazer começaram a usar a nossa. Nós estávamos mais próximos de ter

Página 183

helpful and interesting conversations than would have been possible had we simply expected them to communicate in our language from the start. They clearly appreciated our efforts, and our goodwill was more than repaid in kind.

Being nice also pays off professionally. I am well aware that across the field of medicine and in most hospitals, surgeons often have a reputation for being hard to get along with — and neurosurgeons are often the prickliest, most unpleasant of all. Some colleagues might excuse this by saying our job is so demanding and exacting because our decisions and actions mean the difference between life and death for our patients. Therefore, we need and expect a constant standard of excellence and immediate, maximum professional effort from everyone working with us. We have to be so focused on what we're thinking, seeing, and doing that there's a natural tendency for us to be snippy, impatient, demanding, critical, and otherwise oblivious to the feelings and perspectives of those around us. If we're not careful we can take out our own tension, tiredness, frustration, our fear of failure, and our sense of desperation on those working with us. We may trample all over the feelings of the very people we have to count on every day.

Yet I could not do my job as a surgeon without the assistance and expertise of many other people — not only in the OR, but also in recovery, the wards, labs, other hospital departments, my office, and everywhere my patients (and their medical records) go. I quickly learned that if I make a consistent, daily effort to be nice to the folks I encounter and work with — whether that person is a fellow surgeon or a filing clerk in radiology tracking down a lost X-ray — they tend to be nicer back to me. If I've made a habit of greeting them by name

conversas muito mais úteis e interessantes do que se tivéssemos esperado eles falarem nossa língua desde o início. Eles nitidamente apreciaram nossos esforços e nossa boa vontade foi mais do que retribuída em gentileza.

Ser legal também compensa profissionalmente. Eu sei muito bem que, no campo da medicina e na maioria dos hospitais, cirurgiões frequentemente são conhecidos por ser difícil se relacionar com eles — e neurocirurgiões são normalmente os mais desagradáveis de todos. Alguns colegas podem se justificar, dizendo que o nosso trabalho é tão desgastante e exigente porque nossas escolhas resultam em vida ou morte de nossos pacientes. Por isso, nós precisamos e esperamos um padrão constante de excelência e rapidez, máximo esforço profissional da parte de todos que trabalham conosco. Nós precisamos estar tão focados no que estamos pensando, vendo, e fazendo que é uma tendência natural sermos rudes, impacientes, exigentes, críticos, fora isso indiferentes aos sentimentos e opiniões daqueles que estão ao nosso redor. Se não formos cuidadosos, podemos descontar nossa própria tensão, cansaço, frustração, insegurança, e sensação de desespero sobre aqueles que temos que contar todos os dias.

Mesmo que eu não seja capaz de fazer o meu trabalho como cirurgião sem a ajuda e competência de várias outras pessoas — não apenas na sala de cirurgia, mas também não sala de recuperação pós-anestésica, enfermarias, laboratórios, outros departamentos hospitalares, meu escritório, e onde quer que meus pacientes (e suas fichas médicas) vão. Eu rapidamente entendi que se eu dedicar um esforço consistente e diário sendo legal com aqueles que me relaciono e trabalho — seja um cirurgião colega ou um arquivista na radiologia que está procurando um Raio-X perdido — eles tendem a ser legais comigo de volta. Se eu tenho o hábito de cumprimentá-los pelo nome

when I can, thanking them for their help, commending them for quick and efficient work, and knowing them well enough to ask about their kids' most recent sports achievements or their spouse's current job, those people cooperate faster and try harder to accomplish anything I ask of them.

I'm not talking about getting what I want by being manipulative. I'm merely saying, be nice. The positive attitudes that usually result help improve others' performance and mine as well.

Second, being nice feels good. The lady who caught me in that San Francisco hotel lobby discovered this in just a few hours. My friends and I discovered it with our Helping Hands Club. I've experienced it in my professional and personal relationships. Being nice is simply a better way to live — and its own reward.

Everyone is worth it. Being nice is a simple, practical, concrete way to acknowledge the uniqueness God created in every individual and to show each person we encounter the respect and dignity he or she deserves. It demonstrates a spirit of democracy that says we think other people matter.

We like to think of America as a classless society, but if we are honest, we have to admit that we are divided into many categories — ethnically, racially, economically, educationally, socially, geographically. Being nice to everyone is the simplest way I know to lower the artificial barriers human beings have erected.

During college, I remember people who were loners. Everyone else would be slapping each other's backs and having a good time, while the loners would be sitting off in a corner — eating lunch by themselves. Perhaps I empathized

quando tenho oportunidade, agradecendo os por sua ajuda, elogiando-os por seu trabalho rápido e eficiente, e conhecendo os o suficiente para perguntar sobre as conquistas atléticas de seus filhos ou como vai o trabalho de sua esposa, essas pessoas cooperam mais rápido e se esforçam mais para realizar qualquer coisa que peço a elas.

Eu não estou falando sobre conseguir o que quero sendo manipulador. Eu apenas estou dizendo: seja legal. As boas atitudes que trazem resultado impactam positivamente a performance de outros e a minha também.

Ainda, ser legal é prazeroso. A moça que me surpreendeu na recepção do hotel San Francisco descobriu isso em apenas algumas horas. Meus amigos e eu descobrimos isso com nosso Clube das Mãos Ajudadoras. Eu experimentei isso nas minhas relações profissionais e pessoais. Ser legal é, simplificando, um jeito melhor de se viver - e é sua própria recompensa.

Todo mundo vale a pena. Ser legal é uma maneira simples, prática e concreta de descobrir a singularidade que Deus colocou em cada indivíduo e mostrar a cada um que encontramos o respeito e dignidade que ele ou ela merecem. Isso demonstra um espírito de democracia que fala que pensamos que outras pessoas importam.

Nós gostamos de representar a América como uma sociedade sem classes, mas sendo sinceros, temos que admitir que estamos divididos em diversas categorias - étnicas, raciais, econômicas, educacionais, sociais, geográficas. Ser legal com todos é o caminho mais simples que conheço de diminuir as barreiras que os humanos levantaram.

No tempo da faculdade, eu me lembro de pessoas que estavam sempre sozinhas. Enquanto todos estavam dando tapinhas nas costas uns dos outros e aproveitando o tempo juntos, esses solitários estavam sentados em algum canto - almoçando sozinhos. Talvez eu os entenda

because I was something of an introvert myself. Often I would take a seat close to a loner — not directly next to them but sort of catty-corner. Then I'd try to start a conversation to see if they were looking for somebody to talk to. Most of the time, they were. I was actually able to develop a number of friendly relationships like that. And some of those loners turned out to be really great people. They just needed a little prodding to open up. One of them turned out to be very helpful to me with calculus, and our relationship became a two-way street.

Being nice is much easier in the long run.

We have all heard that smiling requires less energy and fewer muscles than frowning. The same economy-of-effort idea holds true in most human interactions. Reduced tension and increased goodwill add up to greater efficiency. You seldom make enemies by being nice, and life without enemies is always easier. Doctors whose patients think they are nice do not get sued as often — and that certainly made my professional life a lot easier.

You never lose by being nice. It seldom costs anything, except a little time, thought, and energy. Sure, you occasionally run into people who will take advantage of your kindness; they might even consider niceness to be a weakness. But in the end, niceness wins out.

por ter sido introvertido em certo grau. Frequentemente eu me sentava próximo a um solitário - não diretamente ao seu lado - mais ou menos na esquina. Então puxava conversa para saber se eles queriam conversar. E na maioria das vezes, eles estavam. Eu consegui, na realidade, fazer amigos assim. E alguns desses solitários se tornaram pessoas muito legais. Eles só precisavam de um empurrãozinho para se abrirem. Um deles se tornou para mim uma mão na roda com os cálculos, e nossa relação virou uma via de mão dupla.

Ser legal é muito mais fácil a longo prazo.

Todos nós já ouvimos que sorrir gasta menos energia do que fechar a cara. A mesma ideia de economia de energia também se aplica na maioria das interações humanas. Tensão reduzida e maior boa vontade adicionadas a maior eficiência. Você raramente faz inimigos sendo legal, e uma vida sem inimigos é sempre mais fácil. Médicos que seus pacientes os acham legais, não são processados frequentemente - e isso, com toda a certeza, tornou a minha vida profissional muito mais fácil.

Você nunca perde por ser legal. Raramente custa alguma coisa, a não ser um pouco do seu tempo, cuidado e energia. Claro, você vai conhecer em algum momento, pessoas que vão se aproveitar da sua bondade; eles devem até considerar bondade como uma fraqueza. Mas ao final de contas, a bondade vence.

6. DISCUSSÃO E ANÁLISE

A atividade de tradução do capítulo “Nice”, da obra *You Have a Brain*, mostrou ser uma oportunidade rica para refletir e amadurecer o uso da linguagem dos alunos

envolvidos. Ao longo do processo, diversos aspectos puderam ser analisados, desde as escolhas lexicais até as implicações culturais e ideológicas que permeiam o ato tradutório.

Um dos pontos mais debatidos entre os alunos foi a tradução do termo “nice”, que dá título ao capítulo. A escolha por “ser legal” demonstrou-se mais adequada que outras opções mais literais ou formais (como “amável” ou “simpático”), pois conseguiu manter o tom acessível, cotidiano e afetivo presente no texto original. Essa escolha exigiu dos alunos a compreensão do termo não apenas em seu aspecto denotativo, mas também em sua carga cultural e pragmática, principalmente quando associado a comportamentos morais e relações interpessoais.

Outro elemento que se destacou foi a atenção ao público-alvo. Por se tratar de um texto originalmente voltado a adolescentes e jovens em formação, os alunos tradutores precisaram adaptar a linguagem para que ela soasse natural e engajadora no português brasileiro, sem perder o caráter inspirador e educativo da obra de Carson. Essa adequação envolveu ajustes sintáticos, modulações semânticas e a manutenção de um tom motivacional constante.

A escolha por uma tradução fac-símile, ainda que desafiadora, também suscitou uma discussão relevante: até que ponto é possível preservar a estrutura do texto original sem comprometer a fluidez e a inteligibilidade no idioma de chegada? A resposta a esse questionamento foi construída ao longo do trabalho, à medida que os alunos negociavam entre literalidade e naturalidade. Foram necessários diversos momentos de reescrita colaborativa, revisão entre pares e reflexão metalinguística para alcançar um equilíbrio satisfatório entre fidelidade e clareza.

Além disso, a experiência contribuiu para o desenvolvimento de uma consciência ética sobre o papel do tradutor como mediador cultural e disseminador de valores. Traduzir um texto com forte apelo ético e formativo, como é o caso do capítulo “Nice”, implicou em refletir sobre o impacto que determinadas palavras, estruturas e expressões podem exercer sobre o leitor final. Nesse sentido, a tradução deixou de ser uma simples tarefa linguística para tornar-se também um exercício de responsabilidade social.

Por fim, o fato de a tradução ser inédita em português deu ao trabalho um valor especial, tanto na escola quanto para os alunos. Ao verem-se como produtores de um texto novo, os alunos reconheceram a potência transformadora do trabalho com línguas,

ampliando seu repertório comunicativo e desenvolvendo um senso de autoria e pertencimento ao projeto.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de traduzir um trecho inédito da obra *You Have a Brain*, de Ben Carson, revelou-se não apenas uma atividade linguística, mas uma prática pedagógica transformadora. Ao optarem pelo capítulo “Nice”, os alunos se depararam com o desafio de converter não apenas palavras, mas valores éticos, tons afetivos e elementos culturais em um novo idioma. A experiência colocou em evidência o papel da tradução como instrumento de formação humana, estimulando a empatia, a reflexão crítica e a tomada de decisões conscientes.

Mais do que aprender estruturas gramaticais ou vocabulário, os alunos foram levados a interpretar sentidos, negociar significados e considerar o impacto do texto traduzido sobre leitores reais — jovens como eles, em busca de identidade e propósito. O projeto se destacou, ainda, por sua abordagem ética da tradução: sem o uso de recursos de tradumática e com a meta clara de produzir uma versão fiel ao espírito do original, mas sensível à realidade do público brasileiro.

O caráter inédito do texto em língua portuguesa conferiu à proposta um valor especial, ampliando o sentimento de autoria e responsabilidade entre os alunos. Ao final do percurso, não se formaram apenas tradutores iniciantes, mas cidadãos mais atentos à linguagem e ao outro, conscientes de que “ser legal”, como diz o capítulo, é também contribuir para um mundo mais justo e mais humano — inclusive por meio da palavra escrita.

Diante da análise realizada, torna-se evidente que a prática da tradução, quando integrada ao processo educativo, contribui significativamente para a formação integral do indivíduo. Segundo White (2008), a verdadeira educação transcende a aquisição de conhecimento técnico, envolvendo o desenvolvimento harmonioso das dimensões física, mental, espiritual e social do ser humano. Essa compreensão reforça que traduzir não é apenas um exercício linguístico, mas uma atividade que promove valores, senso de missão e compromisso ético, alinhando-se à proposta pedagógica da Educação Adventista de preparar cidadãos conscientes, críticos e comprometidos com princípios cristãos.

Como sugestão para desdobramentos futuros, experiências semelhantes poderiam ser aplicadas com outros gêneros textuais, ampliando a prática tradutória em contextos educativos diversos.

8. REFERÊNCIAS

- CARSON, Ben. *You have a brain: a teen's guide to T.H.I.N.K. B.I.G.* Grand Rapids: Zondervan, 2015. Livro digital. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/You-Have-Brain-T-H-I-N-K-B-I-G/dp/0310745993>. Acesso em: 26 maio 2025. ISBN 9780310745488.
- CHESTERMAN, Andrew. Proposal for a Hieronymic Oath. *The Translator*, v. 7, n. 2, p. 139–154, 2001.
- GENTZLER, Edwin. *Contemporary Translation Theories*. 2. ed. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.
- HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y Traductología: Introducción a la traducción*. Madrid: Cátedra, 1999.
- NORD, Christiane. *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.
- PYM, Anthony. *Exploring Translation Theories*. London: Routledge, 2010.
- VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London: Routledge, 1995.
- WHITE, Ellen G. *A Ciência do Bom Viver*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- WHITE, Ellen G. *Educação*. 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.